

FRANCISCO MARINS

ESCRITOR PARA GRANDES E PEQUENOS

LUIGI CASTAGNOLA
Universidade Federal do Paraná

Desde alguns anos Francisco Marins tornou-se conhecido em todo o Brasil pelos seus livros, literariamente primorosos e ricos de sabedoria, de uma sabedoria, porém, que se apresenta com rosto alegre e sabe estar em companhia de toda a gente. Diga-se logo: Francisco Marins é um escritor agradável, sadio, brasileiro. Os elogios que a imprensa faz a seus livros — já uma dúzia — são sinceros e espontâneos, bem como merecidos. É até uma satisfação ver como um escritor de coisas boas consegue despertar a simpatia geral dos leitores, grandes e pequenos, e a aprovação da crítica literária mais digna e categorizada.

Nem faltou a Francisco Marins o reconhecimento público de seus méritos, que não são unicamente literários e artísticos. Com efeito, o romance “Clarão na Serra” (1) foi distinguido com o “Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo”, e “Aldeia Sagrada” foi premiada pela Academia Brasileira de Letras.

Embora o escritor trate assuntos ligados ao Brasil e à sua história, os estrangeiros já se interessaram pelas suas obras, tendo sido publicado pela University of London Press, em língua inglesa, “The Mystery of the Gold Mines”.

Tudo isto vem mostrar o interesse e o valor da obra literária de Francisco Marins. É que o escritor paulista vive a vida de seus heróis, grandes ou pequenos, e sente a vitalidade que têm os temas versados. Estamos diante de um mundo literário novo, apesar de contar coisas do passado, um mundo original pela apresentação artística, em que vivem o sonho e

(1) Edições Melhoramentos, São Paulo, 1963, 2.^a edição.

a realidade, a aventura e a história, a vida da cidade e mais ainda a luta do sertão, com todos seus mistérios, suas insídias, sua evolução e seus encantos. E tudo isto vitalizado com rara beleza poética, num estilo veloz, cristalino, faiscante como um punhado de cristais multicores intimamente imbricados e rebrilhando ao sol.

Nas páginas de Francisco Marins vivem de nôvo a história dramática do glorioso passado do Brasil, as lendas do caboclo, as lutas do homem do sertão que vai sempre para a frente, sempre destemido, levando o progresso por tôda a parte, em busca de um futuro melhor para si e para o Brasil. Essa gloriosa e corajosa história do passado revive nos contos de aventuras para a juventude e nos romances de homens e mulheres que construíram o Brasil com seu trabalho e suas aventuras, pontilhando de fazendas, lugarejos e cidades as matarias do interior.

Todo bom escritor precisa da língua para transmitir seus pensamentos, seus ideais, seu mundo; e Francisco Marins possui êsse instrumento; sua língua é rica, vigorosa, conhece todos os segredos das expressões populares e das elegâncias literárias. Grande mérito estar de posse da boa língua clássica numa época em que, freqüentemente, a indisciplina lingüística é julgada a última palavra da arte e as técnicas lançam o descrédito sôbre os estudos das belas letras.

Especialmente para a juventude, Francisco Marins escreveu os seis volumes da série Taquara-Póca:

Nas terras do Rei Café
Os Segredos de Taquara-Póca
O Coleira-Preta
Gafanhotos em Taquara-Póca
Viagem ao Mundo Desconhecido
Território de Bravos (2).

Uma série de livros de aventuras, ricamente ilustrados por gravuras de Augustus e Oswald Storni. Taquara-Póca é um fazendão paulista onde três garotos, simpáticos e valentões, organizam as aventuras mais interessantes que se possam imaginar. O Autor dedica o segundo volume da série "a todos

(2) Todos publicados pela Editora Melhoramentos, e já tiveram muitas edições.

os meninos que sentiram a alegria de viver sob o teatro imenso da natureza silvestre, a correr pelos campos silenciosos, que desfrutaram o prazer de descansar à sombra frondosa das árvores, de beber dos córregos cristalinos, de amar os animais amigos e conviver com a boa e compreensiva gente da terra”.

Para a juventude foram escritos também os livros de uma segunda série, intitulada “Roteiro dos Martírios”:

Expedição aos Martírios
Volta à Serra Misteriosa
O Bugre-do-Chapéu-de-Anta (3).

Também os contos desta série são fartamente ilustrados por gravuras de Oswaldo Storni. Obras para a juventude, à qual fazem conhecer, através de contos fantásticos, episódios do bandeirismo, relativos à conquista e povoamento do Oeste brasileiro. Nestes volumes “a história, isto é, a verdade, é muitas vezes tão empolgante quanto as aventuras imaginárias”.

Ainda para a juventude foi escrita “A Aldeia Sagrada”, que faz conhecer, através do conto, a história e as lendas de Antônio Conselheiro, e desperta nas crianças brasileiras o interesse pela obra máxima de Euclides da Cunha.

Os dois romances:

Clarão na Serra
Grotão do Café Amarelo (4),

já não são livros escritos para crianças; mas o tema é ainda o desbravamento do sertão, a conquista do interior, a ânsia de levar o progresso a todos os recantos deste infindo território que é o Brasil.

O Autor, numa página introdutiva, esboça o fundo histórico e geográfico dos acontecimentos narrados no “Clarão na Serra”:

“Em meados do século passado, um vilarejo de poucas casas tentava sobreviver no alto da serra. Era pé de apoio para as botas que espichavam passo dali, procu-

(3) Todos os volumes foram publicados pela Editora Melhoramentos, e tiveram muitas edições.

(4) Editora Melhoramentos, São Paulo, 1964.

rando devassar os perigos e os mistérios das brenhas. Entre duas cordas líquidas — de um lado as águas escuras do Tietê e de outro as do ondulante Paranapanema — ficava um mundo ainda desconhecido. Um mundo que principiava na serra e quase não tinha mais fim, pois a primeira barreira natural era só a do distante Rio Paraná. E que riquezas de terras e fascinações de natureza naquele império a se oferecer, inteirinho, aos que chegassem primeiro, deitassem posse, erguessem choças e se afazendassem!

Homens rijos vieram para conquistá-lo.

Encontraram na solidão, primeiramente, o dono natural da terra, o índio.

Mas o índio, que havia abandonado aquêle espaço, por ocasião da arremetida bandeirante, temeroso de apressamento, recruzara posteriormente a corrente do Paraná, para tentar contra o intruso sua última disputa do chão perdido.

O conquistador topou com o sertão inóspito, as feras, as doenças, as distâncias, a solidão...

E, sobretudo, com a resistência de outros pioneiros, pois, embora a terra fôsse imensa, igual à de um país, a ambição e a rivalidade dos homens tornavam-se sem limites e, onde não chegasse o braço da autoridade, a lei era a dos fortes e seu império sem fronteiras.

O vilarejo sobreviveu. Os desbravadores penetraram campanhas e matarias traiçoeiras... E, após cada investida, tornavam à vila para recobrar alento e registrar no livro da capela as posses conseguidas. Assim, à margem dos rios, pontilharam os primeiros fogos e se alargaram clareiras. O índio foi empurrado, de novo, além Paraná. O espaço vazio principiou a se povoar e a se transformar em fazendas, que depois viraram povoados, freguesias, vilas e cidades.

Esta é a história de vidas ásperas e por vezes cruéis.

Os nomes, as datas e as situações podem em parte di-

ferir dos documentos, mas as vidas das criaturas foram retraçadas sôbre um ambiente e uma época reais, marcadas pelo calor da terra, que as temperou ou as impeliu na conquista de seus destinos”.

Alguém, e não sem justo motivo, falou de uma epopéia do café, narrada pelas páginas dos dois romances. Pròpriamente, não é só a epopéia do café que se desenrola diante de nossos olhos; juntamente com ela, desdobra-se boa parte da história nacional. Os dois belos romances contam os esforços, a coragem, as façanhas, por vêzes também as rixas teimosas e sangrentas de mais gerações brasileiras, homens de aço e mulheres amazônias, que transformaram o mato e o sertão em terras produtivas. Caboclos, índios, fazendeiros, políticos, jornalistas, imigrantes, escravos, negros e brancos, revolucionários e legalistas, monarquistas e republicanos vivem nestas páginas sua existência desejosa do desconhecido, do estranho, do maravilhoso.

Sem dúvida, dois livros de grande valor literário que engrandecem a literatura nacional, e despertam no leitor brasileiro o orgulho de pertencer a um povo nunca temeroso de avançar pelos caminhos de seu imenso território.